

GAZETILHA CARTA ABERTA A propósito

Sorrisos do Outono...

Aguarda o nosso povinho
o verão de S. Martinho
para apanhar suas rêsas:
— rêsas de sol, já se vê,
que a pinga não há de quê,
lhe saiu muito às avessas...

— «Decoraram o seu nome»,
grita o Zé, e se consome,
vendo a bolsa quase nua:
— mas «eles» não vão na treta
e o jegre, como um planeta,
anda à procura... da Lua!

E, na festa irmandadeira
da passada terça-feira,
não correu a coisa boa:
— que só se fartou o povo,
com febras e vinho novo,
mas... na tela de Malhoa!

Porém, faltando os tostões
para a merca dos rojões,
houve, ao menos, crença e fé:
— e, na minga das febrinhas,
brilharam pingues sardinhas,
regadas... com água-pé!

Que, ao fazer vindimas cedo,
o lavrador ganhou medo
de ver as vinhas desertas:
— e, em mira da quantidade,
descuroo a qualidade,
às ratonices espertas...

Pois enquanto o lavrador
chamava por o calor,
pensando em «verde» excelente;
— já por atalhos, e estradas,
se faziam vindimadas
na vinha... de toda a gente!

Ortigão.

Vida Rotária

Na reunião de quarta-feira do Rotary Clube de Guimarães, o presidente, ao iniciar a sessão, comunicou a visita de alguns companheiros estrangeiros ao clube e referiu-se em termos da mais viva saudade ao recente desaparecimento de dois prestigiosos rotários do clube da Figueira da Foz — o Prof. Doutor Joaquim de Carvalho, figura eminente das letras portuguesas e Maurício Augusto Aguiar Pinto, que foi Governador do Distrito, tendo prestado, um e outro, ao movimento rotário assinalados serviços.

O expediente foi lido pelo secretário, José Machado Teixeira, após o que apresentaram algumas propostas e comunicações os srs. António Faria Martins, eng. Heider Rocha, Isac Ferreira de Oliveira Guimarães e Armando Martins da Silva, tendo-se procedido, como habitualmente, à quele para o fundo Paul Harris.

A reunião foi consagrada à Semana Rotária, assunto este a que se referiu, apontando os benefícios já espalhados por todo o mundo, o presidente, Antonino Dias de Castro, que, por último, encerrou a sessão.

REPARO

Ao passarmos na Rua de Gil Vicente, notámos que a Loja do Retalho apresenta um grande saldo de lãs em fio, malhas exteriores e interiores, cobertores, etc., artigos próprios para o Inverno.

Ao passar pela Rua de Gil Vicente, repare V. Ex.ª na montra da Loja do Retalho. 618

«Septit» e em muitos jornais franceses.

Autor de vários livros sobre o Cinema, André Bazin trabalhou até ao último dia da sua vida, principalmente num estudo sobre Jean Renoir, que não pôde concluir.

Era casado e tinha um filho de 9 anos.

Depois de Georges Sadoul, André Bazin era o crítico cinematográfico francês com maior audiência no seu país e no estrangeiro. Tornou-se a figura mais representativa daquela jovem crítica surgida no após guerra. Sem a truculência dum François Truffaut, as suas críticas eram objectivas e lúcidas, em que se revelava o seu agudo espírito de observação e de análise.

Deixou publicados os seguintes livros: «Orson Welles», «Vittorio de Sica» e «Le Wesetrn».

Afável e bondoso, André Bazin era daquelas pessoas que irradiam simpatia, que após um breve convívio jamais se esquecem.

Amigo de Portugal e das coisas portuguesas, foi com a mais viva curiosidade que, em Agosto de 1957, visitou o Porto e o Alto Minho, a convite, respectivamente, do cineasta Manuel de Oliveira e do crítico cinematográfico Alves Costa.

Trazido pela mão amiga do seu e nosso querido Joaquim Novais Teixeira, veio passar um dia a Guimarães, percorrendo os vários recantos desta cidade que tanto o encantou, como nos disse, então, em conversa amena à hora do almoço que tivemos juntos.

Continuação da 1.ª página

ponto de vista interior, e a antropologia do exterior. Concordam que as raças não são grupos imutáveis, mas grupos biológicos que estão submetidos às mesmas influências, às mesmas leis do acaso e da evolução, como tudo o que vive.

Fora do âmbito científico, a palavra *raça* tem servido muitas vezes para justificar medidas de discriminação económica e social. Supostos sábios não hesitaram em disfarçar os factos, para justificar o domínio dum grupo humano sobre outro.

O mito nazi da superioridade ariana (será que o Governador tem costela de...?) é um exemplo destas elucubrações «científicas».

O regime nazi desapareceu, mas os erros e os mitos que ele propagou continuam a circular como moeda falsa, não é verdade, Governador Orval Faubus?

Foram exactamente estas doutrinas dos racistas que fizeram cair em descrédito a palavra *raça*. Tem-se falado de «superioridade racial», ou de «corrupção racial». A palavra, todavia, não podia ser abandonada, porque, empregada correctamente, exprime por sua vez um facto observável e uma noção julgada cómoda pelos homens de ciência.

O erro dos que se deixam iludir por uma pseudo-ciência, ou pela propaganda, consiste em acreditar que as diferenças exteriores correspondem diferenças inatas de espírito e de temperamento, que a inteligência, o valor humano e o carácter dependem da forma do nariz ou dos olhos e da cor da pele. Eis onde o mito se torna perigoso.

Em Junho de 1957, um grupo de sábios investigadores dedicados à genética e à antropologia reuniram-se, sob os auspícios da UNESCO, para investigar, à luz dos trabalhos científicos mais recentes, quais os dados certos de que se dispunha a respeito de RAÇA.

A «Declaração sobre a natureza da raça», publicada no fim desta reunião, modifica e resume a declaração anterior sobre raça, que tinha sido dada a lume em Julho de 1950 por uma comissão restrita, composta principalmente por especialistas de ciências sociais.

Porque é óbvio o interesse daquela Declaração e também porque foi seu relator o Professor americano L. C. Dunn, da Universidade Columbia (Nova York), eis alguns extractos do notável documento:

«Os sábios reconhecem que todos os homens actuais pertencem a uma mesma espécie denominada *Homo Sapiens*, e que descendem de um mesmo tronco.

Os antropologistas estão de acordo ao considerar a noção de raça como permitindo classificar os diferentes grupos humanos num quadro zoológico próprio, para facilitar o estudo dos fenómenos da evolução.

As diferenças físicas entre os grupos humanos são devidas, umas às diferenças de constituição hereditária, outras às diferenças do meio, e a maioria delas às duas.

Os grupos nacionais, religiosos, geográficos, linguísticos e culturais não coincidem necessariamente com os grupos raciais, e os aspectos culturais destes grupos não têm qualquer relação demonstrável com os caracteres próprios de raça.»

O Professor Leslie Dunn conclui assim as suas considerações de relator, que antecedem a publicação do texto da declaração:

No estado actual dos nossos conhecimentos, consideramos unânimemente que as diferenças biológicas verificadas entre os grupos raciais humanos não podem em caso algum justificar a tese da desigualdade racial, que se baseia na ignorância e preconceito, e que, no plano humano e moral, as diferenças conhecidas, quaisquer que elas sejam, se mostram desprezíveis.

E' esta ignorância, aliada ao terrível preconceito, que permite ao Governador Faubus e seus sequazes cometerem crimes contra a humanidade, como aquele que os jornais de 29 p. p. relatavam. Em Birmingham (Alabama), num Estado quase vizinho do de Arcansas, dois padres de cor foram condenados a 90 e 60 dias de cadeia, e ainda cerca de 3.000.000 de multa cada um, pelo gravíssimo crime de se terem sentado nos lugares da frente de um auto-carro, quando o deviam ter feito à rearguarda, onde viaja o negro americano.

Comentários para quê, Governador?

CORRIGENDA

No artigo da semana passada do nosso ilustre colaborador sr. Dr. Santos Simões, há a fazer as seguintes rectificações:

Onde se lê Espinhosa, deve ler-se *Spinosa*; e em vez de campo de filosofias, campo da filosofia.

da entrevista do sr. Presidente da Junta de Moreira de Cónegos ao correspondente do «Notícias de Guimarães», em Guardizela

Retardado na Redacção

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

«Sem querer desvirtuar o qualificativo das declarações do sr. presidente da junta, bem como o espírito interessante do secretário da mesma, despertou-me a entrevista que foi concedida ao solicito correspondente do «Notícias de Guimarães» (em Guardizela), as seguintes considerações:

Interessam-me sobremaneira os progressos desta freguesia, verificando com grande satisfação aqueles que se apresentam por iniciativa particular, pois aqueles a que tem direito uma freguesia como esta, que com certa galhardia se pode considerar uma das mais progressivas do concelho nos campos de acção comercial e industrial, até à data ainda não chegaram cá.

Uma entrevista com o sr. presidente da junta, parece-me que deveria visar a enumeração de tudo que necessitamos, pois que nada de palpável se tem visto na sua presidência, de há mais de vinte anos. Muito havia que dizer, para se fazer.

Finalmente, limitou a sua entrevista a lembrar a bomba que a Junta vai mandar montar no lugar de Pereiras e revelou o sonho da via larga e recta do lugar de Caneiro à estrada nacional. Ainda bem que o sr. presidente, agora, já aprecia as rectas; foi pena que quando a E. T. da Cuca resolveu desviar o caminho para fora do seu terreno, ao fazer o traçado, por orientação da Junta, não eliminasse aquele grande cotovelo, que se pode denominar *curva da morte*, isto por propósito apenas de manter entremuros mais uma dúzia de metros de terra.

Via larga do lugar de Caneiro à estrada nacional — não sou apoloísta de fachada sumptuosa, com grande miséria no interior. Não há aqui tantas reparações a fazer que há anos reclamam urgência? Caminhos estreitos e de grande trânsito, que por vezes vindo um carro a cruzar com outro, qualquer pessoa tem que subir as paredes para os mesmos passarem. Nos dias de inverno são autênticos regatos, sendo os transeúntes por vezes forçados a utilizarrem os quintais marginais para poder chegar aos seus trabalhos.

Corrigida e alargada a estrada, já em estudo há bastante tempo, com início na estação da C. P., situada em Moreira de Cónegos, com a ligação a Vizela, suprime bem qualquer outra abertura à estrada nacional, pois para ligar com esta depende apenas de quem tem automóvel percorrer mais umas centenas de metros de estrada.

Na referida entrevista foi focado muito pela rama o problema das fontes, pois existem algumas que são verdadeiras poçalgas e outras que foram beneficiadas com as tais bombas, mas onde não foi feita a necessária calafetagem para impedir a entrada das escorras das cortes de gado vizinhas. E' assim que tantas vezes o nosso povo se vê embarçado com doenças de que desconhece a origem. Tem, pois, direito a freguesia a ser atendida nas suas pretensões, tendo em atenção uma dezena de fábricas que possui, grandes, médias e pequenas, para não enumerar as *fabriquetas* e *fabriquinhas* que existem... Não se pode atribuir o esquecimento e abandono que a freguesia tem tido à falta de consideração e confiança que o sr. presidente da junta tem pelo sr. presidente da Câmara, visto ter declarado tributar-lhe as maiores, pois se assim não fosse seria de desejar o seu afastamento há mais tempo; sendo no entanto consolador o desejo manifestado, apesar de não continuar na junta, de haver de fazer os possíveis por uma freguesia maior, já contrariamente ao suficientemente demonstrado quando da aquisição do terreno para a construção das novas escolas dos Fermizes, que nem tão pouco de tempo dispôs, a aquisição de terrenos fez-se por ofertas voluntariamente feitas por alguns proprietários da freguesia.

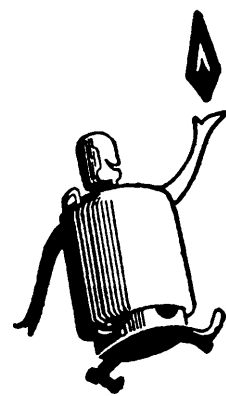
Sobre o estado em que esta freguesia se encontra pela falta de melhoramentos acima referidos, segundo o sr. presidente da Junta várias vezes afirmou, a Câmara sob várias presidências que por lá passaram, dispôs para esta freguesia de umas escassas dezenas de contos, isto há mais de vinte anos! Ora, pelo que afirma o correspondente, o sr. presidente da junta declarou que dos oitocentos e cinquenta contos que esta freguesia paga à Câmara por ano, recebe a insignificância de dez por cento desse dinheiro para melhoramentos. Com esta afirmação já não pode qualquer habitante de Moreira de Cónegos dizer que a Câmara esquece esta freguesia, pelo contrário temos que lhe estar muito gratos e então cada um de-per-si perguntar à Junta: — que tem

Campanha do Natal de 1958

Durante os meses de Novembro e Dezembro

a **CIDLA** oferece:

10% de desconto no material
e 13 kgs. de Gazcidla



- A todos os novos consumidores que comprem fogões, fogareiros e esquentadores através da sua organização.
- Aos antigos consumidores que comprem fogões ou esquentadores, também através da sua organização. Na compra de fogareiros beneficiarão apenas do desconto de 10%.

VENDAS ATÉ 24 PRESTAÇÕES

Use **GAZCIDLA**
(PRODUZIDO NA REFINARIA DA SACOR)

agora ainda mais barato!

AGENTES EXCLUSIVOS NO CONCELHO:

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

Largo Navarros de Andrade — Telefone 4547

GUIMARÃES

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS:

PEVIDÉM — Horácio Guimarães

MOREIRA DE CÓNEGOS — Abílio Barbosa

VIZELA — Clementino de Metos

CAMPELOS — Álvaro de Lemos

605

feito desse dinheiro? Pois desprezando o pouco mais que o sr. presidente alude, mas firmando-me só nos dez por cento (oitenta e cinco contos), isso é muito dinheiro, considerando aos anos que está a presidir aos destinos da junta de freguesia.

Moreira de Cónegos, 15-10-58.

Isac Ferreira Guimarães.

Vida Musical

Composições de Eurico Thomaz de Lima cantadas em Paris e no Rio de Janeiro

A cantora portuguesa Natália de Andrade, apresentou-se na noite de 7 do corrente, na Casa de Portugal em Paris, onde deu um recital preenchido com música folclórica e moderna portuguesa.

Acompanhou-a a pianista francesa Silvyane Billiet, primeiro prémio do Conservatório Nacional de Música de Paris. Natália de Andrade interpretou, entre outras obras de compositores portugueses, o «Virax», do Minho, harmonizado e estilizado por Eurico Thomaz de Lima, e o «lied» *ÉS TU!*, soneto de Florbela Espanca, uma das mais admiráveis obras vocais, do nosso ilustre compatriota.

Por notícias do Brasil, também fomos informados de que a cantora Alma Cunha Miranda, acompanhada pela pianista italiana Piera Brizzi, realizou na Sala Camões do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro um recital de Música Lusa-Brasileira, e em dois programas «Ao Redor do Mundo», na Rádio Ministério da Educação e Saúde, divulgou canções populares estilizadas e eruditas de Eurico Thomaz de Lima.

Festas Nicolinas

Vão realizar-se mais uma vez e na forma dos anos anteriores, promovidas pela briosa academia do Liceu de Guimarães, as tradicionais Festas Nicolinas, que no próximo dia 29, serão alegremente anunciadas com o Cortejo do «Pinheiro».

O Bando Escolástico, que na tarde do dia 5 de Dezembro será recitado nas ruas da cidade, é, este ano, da autoria do velho nicolino e distinto Poeta, Delfim de Guimarães, nosso prezado Colaborador, que nesse trabalho mais uma vez vai pôr à prova as suas altas qualidades.

Tenente Abílio César do Espírito Santo Barreira

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Ocorrendo no próximo dia 17 do corrente, o 2.º aniversário do falecimento do saudoso Tenente Abílio César do Espírito Santo Barreira, sua família manda rezar uma missa por sua alma, no referido dia, às 8,30 horas, na Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, comemorando assim o triste acontecimento.

Antecipadamente se confessa muito grata a todas as pessoas que a honrem com a assistência ao piedoso acto. Guimarães, 9 de Novembro de 1958.

A FAMÍLIA.

OFICINA DE RELOJOARIA

A Ourivesaria JOSE FERNANDES, à Rua de Paio Galvão, desta Cidade, tem o prazer de informar os seus estimados clientes, de que se encontra instalada nesta casa, uma OFICINA DE CONCERTOS DE RELÓGIOS, montada com maquinaria de precisão e técnico competente, no intuito de bem servir cada vez melhor os seus prezados clientes.

570

Aos Industriais

VENDE-SE uma fábrica com 20 teares, sendo 8 Jacquard e os restantes com maquinação e alguns com caixão, com larguras desde 1,03 a 2 metros de pente e competentes máquinas preparatórias, em edifício moderno com bom terreno de logradouro junto de um ribeiro, numa das zonas industriais de Guimarães.

571

Recebe propostas: Dr. Fernando Ayres — Guimarães.

A' Indústria Têxtil

VENDE-SE:

- 1 autoclave para 20 maços
 - 1 secadeira para 20 maços-hora
 - 1 encarreteira de 60 fusos, estado nova.
- Nesta Redacção se informa.

595

PARA A EMANCIPAÇÃO TAL COMO A JULGO

Todos nós, da cidade ou da aldeia, do Minho ou do Algarve, já deparamos alguma vez, nesta terra de Portugal glorioso, com o doentio e chocante espectáculo do cego pedindo esmola, contrariando abertamente a nossa época, cheia de progresso técnico e de tantas coisas belas criadas em seu benefício. Pode, segundo melhor lhe parece, calado ou lamentando-se, quieto ou agarrado a um instrumento do qual arranca uns sons ou música que penetre no coração dos outros e lá, a desventura ou o conformismo, imponha o sentimento da caridade. Quase sempre tem ao lado o acompanhante, homem com vista, válido e na força da vida, que vai recolhendo as esmolas e forma com ele um duo aterrador: dois homens, tendo a rua por palco e por únicos companheiros a adversidade, o acaso e a incerteza, lançados na mendicância e na miséria, quase esquecidos ou inconscientes dos seus deveres; dois homens inúteis, metidos num viver prejudicial, entregues à caridade e à insensibilidade, responsáveis pelo mau ambiente que reina à volta de si e dos outros, quando deviam trabalhar pela família, contribuir para engrandecer a terra e enriquecer a Pátria.

Isto, como cada um já sabe por sua própria experiência, sucede em toda a parte, mas em Lisboa, seja pelo propício do meio, seja por orfandade recebida ou por qualquer outro motivo que aqui não compete julgar, verifica-se com muito mais frequência — com inacreditável frequência — para quem é provinciano ou estrangeiro, com reprovável frequência para quem ama a comunidade e deseja ver nela integrados todos os homens. Em Lisboa, melhor que em parte alguma, será mais fácil aos cegos fazerem-se aceitar como indivíduos, terão conquistado mais a consciência do ambiente, é mais raro aquele chover de adjetivos doentios e humilhantes de que por cá, eu e o leitor tantas vezes somos espectadores; mas conseguiram-no à custa duma vida sem trabalho, duma vida tão vivida na rua e do que a rua dá, que de nenhuma forma será lícito considerá-la ao menos satisfatória. E lá andam, sempre ou quase sempre acompanhados pelo ajudante — o moço de cego, como se lhe chama com mais propriedade — constituindo já uma instituição aceita e respeitada por todos.

Em meados do passado Agosto, reterindo-se aos invidentes da cidade, lamentava um jornal lisboeta essa vida de mendigos profissionais, pelos inconvenientes que traz consigo, e apontava a gravidade dos mesmos, no que toca especialmente ao descartado moço de cego. Acostumado a pedir para outrem e tirar daí o seu proveito, o moço de cego rejeitará futuramente qualquer profissão mais trabalhosa ou mais digna, porque se lhe entranhou no sangue o hábito de pedir, porque já não acredita em si mesmo e porque é menos livre e mais custoso o ambiente da fábrica ou da oficina. Pode até, e isso será o mais provável, converter-se literalmente num vadio e entregar-se à prática de actos criminosos, ele, que por tanto mendigar ganhou horror ao trabalho e precisa satisfazer as suas necessidades de ser humano.

Sem reservas me solidarizo com estas ideias, mais a necessidade urgente de acabar com o moço de cego e a verdade irrecusável de que ele existe porque existem cegos a pedir. De acordo igualmente com a melhor forma de acabar com eles, acabando primeiro com os cegos de pedir, mas não posso concordar, de maneira alguma e sob que pretexto for, com a ideia bem intencionada é certo, mas algo secca, pouco altruista e nada estimulante de interná-los, fazê-los viver em comunidade, como crianças, no mesmo nível social, no mesmo destino.

Eu bem sei que muitos cegos, pela sua idade avançada, por não terem recebido na altura própria um mínimo de instrução, por se revelarem incapazes de maiores cometimentos, não poderão alinhar ao lado dos outros quando vier o trabalho árduo, executado sem discriminação ao lado dos videntes, por cuja existência há anos vimos lutando. Para eles terão que tomar-se medidas de emergência, mas sendo medidas de emergência, não-de ser também medidas de humanismo e de justiça; e, se não é humano deixar correr a mendicância presente, também não é justo recolher os cegos para escondê-los nos asilos, ignorando e amarfanhando o seu valor psicológico.

Quem se propõe tratar o cego, melhorar a situação de agora, que não procure afastá-lo da sociedade, porque ele, pleno de vida interior, cheio duma ansia de viver, ciente de sua personalidade, nada diso poderá aceitar de bom grado.

Ele sabe muito bem quais as suas limitações, que não pode ver, que a cegueira tornou lentos e pesados os seus movimentos, mas não ignora o seu valor social e deseja ser compreendido e considerado; ele sabe muito bem quais as suas possibilidades, e que não faz milagre algum

quando consulta o seu relógio e diz as horas, quando fala ao telefone ou acende o seu cigarro; ele sabe muito bem que pode conversar sobre qualquer assunto e não gosta que se selecione este ou aquele para si, que se lhe fale constantemente na cegueira ou se fuja a este tema, que se não use a palavra ver com a mesma naturalidade que é usada entre os videntes; ele sabe muito bem que pode gozar as delícias dum passeio ou duma reunião, se o familiarizarem com o ambiente e puder confraternizar com seus amigos; ele sabe muito bem que pode andar com facilidade, se naturalmente lhe oferecerem o braço e que pode sentar-se naturalmente se com naturalidade lhe mostrarem a cadeira. Ele sabe muito bem que nada perde quando aceita o obsequio de quem numa refeição se oferece para lhe partir a carne ou deitar açúcar no café, porque todos temos limitações e ninguém faz literalmente aquilo que deseja.

E assim que eu desejo a vida dos cegos emancipados: vida de caseiras, de trabalho efectivo e dignamente remunerado, de responsabilidade e dever, vida sem inibições absurdas nem recalques humilhantes, dentro é claro da limitação que representa a sua deficiência visual. Será errada e nociva qualquer intenção de dar-lhes uma vida longe da sociedade, em asilos ou conjuntos residenciais, como erradas e nocivas serão também, por nada terem de estimulante e realmente produtivo, todas as concessões e distinções desnecessárias que se lhes façam, como a tarifa reduzida nos transportes colectivos.

Com todo o respeito que me merecem os países onde vigora tal sistema, não acerto entretanto em compreendê-lo, pois nada vejo de alentador em distinções, mesmo nas que em França e na Bélgica se praticam. Se é para acudir a necessidades materiais, tire-se o benefício aos cegos que podem pagar e estenda-se-o também aos videntes pobres, que tantos há em toda a parte; se, no entanto, a cegueira é única causa das distinções, então só mais resultados podem advir, porque assim elas constituem um sério obstáculo à total emancipação social dos invidentes.

Em nosso País, muito e muito há a fazer no campo da assistência social, e os cegos, não podendo esperar mais tempo, levantam-se de boa fé e manifestam-se sincera e amargamente descontentes com o estado de incompreensão e esquecimento em que os lançaram. Não é lícito desprezar as imperfeições apontadas, não considerar os sinais, os acentos e os apelos, negar a evidência dos problemas. Por isso, os cegos portugueses esperam a Obra grandiosa que os redima. Quando vier, ficará patente a qualidade das ideias que foram base do presente artigo.

José António Lage Salgado Baptista.

E C O S

Foi-nos dado apreciar o alçado dos prédios a construir no gaveto situado nas traseiras do Posto da P. V. e Trânsito.

Belo conjunto, que tanto aformosará esta parte da cidade tão perto do centro, mas mantendo de sempre um aspecto rural, que só a abertura da Avenida Conde de Mar. gar. de conseguiu alterar e integrá-la no ambiente urbano. Com a prática destinada à centralização dos transportes rodoviários e ruas de acesso, onde se tem construído uma série de edifícios de feliz concepção, tudo tem contribuído para transformar este arrabalde numa das partes mais progressivas e modernas da cidade.

Este conjunto agora a edificar, admirável de perspectivas e de linhas, é composto por prédios com face para a Avenida Conde de Margaride e para a Rua de S. Gonçalo e por um edifício amplo, central, que marginará a futura praça a construir neste local.

Se o nosso voto fosse necessário para a aprovação desse conjunto, faríamos dele um preito de louvor à iniciativa privada que o projectou, mas com uma pequena reserva — o edifício central deveria ter mais um andar. Maior seria, por isso, a sua expressão e melhor se amoldaria ao lugar, já que terá pela frente, do outro lado da praça, o novo edifício da Escola Técnica e, um dia — oxalá não venha longe —, o prédio ou prédios que, com mais felicidade, substituíam aqueles que hoje ocupam o espaço entre a entrada para a Escola e a Rua Gil Vicente, de maneira a honrar o aspecto geral desta projectada praça, que se antevê muito bela.

Guimarães, assim, progride e engrandece-se.

O que entendemos por largura de uma rua, vamos dizê-lo:

— Uma rua, para o nosso fraco entender, — achamos conveniente afirmar o nosso fraco entender, porque ter opinião, nesta e noutras coisas, sem possuímos a cavalariada alta que d'plome as nossas afirmações, é ser tido por intruso e impertinente, mesmo que apontemos erros e deslizes. Erros e deslizes! — Não, isso seria osadada... *Impponderáveis que surgem*, tal foi a resposta que testemunhámos, quando a um arquitecto de nomeada lhe foi apontado um erro grave numa obra, que um simples encarregado era incapaz de praticar —, necessita de ter, hoje em dia, a largura suficiente para dar devida passagem a quatro veículos motorizados, ligeiros e pesados. Uma fachada de rodagem assim permite o estacionamento junto dos passeios laterais e deixa, a meio, o espaço conveniente para o trânsito ascendente e descendente.

Se assim não for, todos os novos arruamentos que se tenham de abrir não passarão de ruelas condenáveis.

Abre-se uma rua para sempre, e, se assim é, o factor previdência tem de ser atendido. É de prever, dada a circunstância de Guimarães ser um importante centro industrial, que

o seu desenvolvimento se faça num ritmo progressivamente mais rápido e, portanto, o que será a cidade daqui a 100 anos, se, em metade deste tempo, a população do concelho duplicou?

Além do aumento do trânsito motorizado, outra causa de valor se impõe. As casas tendem a conquistar a altura, em vez de se estenderem horizontalmente e prédios altos, em ruas estreitas, são barreiras à penetração do sol, da luz e à ampla circulação do ar, elementos estes essenciais da saúde, que não devem ser prejudicados.

Aonde não entra o sol, entra a doença, e aonde o ar não se renova e a luz não penetra, a salubridade não existe.

Quantos exemplos, tão fáceis de comprovar o que afirmamos, se podem colher, percorrendo a cidade!

Por isso, somos inimigo das ruas estreitas e impetentemente as condenamos.

Sempre chegou a vez ao almejado desaparecimento daqueles casebres rústicos que existiam ao cimo da Avenida D. Afonso Henriques.

Estavam situados num local em que o visitante, ao desembarcar da estação do caminho de ferro, era forçado a vê-los, logo que entrava na avenida, da que o conduziria ao centro da cidade e começava a admirar o bellissimo panorama que nessa altura se divisa.

A impressão desagradável desse tipo exemplar numa casa de lavoura, — infelizmente muito vulgar por essas aldeias fora, — desapareceu e oxalá que em sua substituição surja um prédio de linhas modernas que o local merece pela sua excelente situação.

Fomos, também, ver o jogo de futebol entre o Vitória e o Sporting Clube de Portugal, actual campeão.

Andamos arredado de espectador deste jogo, mas este encontro despertou-nos interesse, mais para ver o aspecto do campo, com as suas novas bancadas, do que apreciar o desenrolar da partida. O futebol de hoje não tem graça e está — a nosso ver, é claro — em absoluta e franca decadência e, por isso, a caminho do seu fim. Os táticos, com as suas artimanhas estratégicas, abriam-lhe a cova aonde esse jogo se irá sepultar. Aquele futebol brilhante, vivo, alegre, em que cada jogador fazia gala em mostrar as suas qualidades, morreu, porque ficaram ao lado de cada jogador um adversário o teimoso, impertinente, que não joga mas também não deixa jogar. Este sistema de sentinela à vista é como uma grilheta amarrada ao corpo, que impede os seus impulsos e peia os seus movimentos. Esta grande descoberta, cuja teoria é de impedir que o adversário jogue, não jogando também, leva a um resultado lógico — o empate. E logo que se consegue descobrir um processo que possa levar a um resultado certo, qualquer jogo, seja ele de vaza ou de competição, perde imediatamente o interesse.

Eis o que, a nosso ver, o jogo de futebol hoje sofre, e com outras velhas mazelas, a sua decadência vai-se acentuando com mais evidência aos olhos daqueles que de longe em longe o presenciavam.

Afinal fomos ver o jogo para apreciar o aspecto geral do campo e aqui estamos a criticá-lo, velha pecha que ainda existe do tempo em que o futebol nos interessava, como demonstração atlética e desportiva.

Visto o aspecto geral, pleno de uma multidão jamais reunida em jogo algum nesta cidade; vista de cima a curiosa concentração de centenas de automóveis e camionetas nos terrenos do futuro parque da cidade; o decorrer do jogo perdeu todo o interesse, logo que o tal homem do apito, prepotentemente, d'tou o vencedor ao legalizar uma fraude, a qual originou um tento, o resultado final estava feito. Mais goal, menos goal, o triunfador podia, desde esse momento, cingir a fronte com a coroa de louros e afirmar eufóricamente: *veni, vidi, vici*...

E assim caminha o futebol para o descredito!

Desistimos de sair pela única saída que o campo tem, por nos ser impossível romper através do apinhado da peonagem que se apertava num espaço pouco amplo e sem condições de comodidade que é necessário melhorar e, assim, tivemos de aguentar o jogo até final.

Terminado o jogo e escoa da lenta e enervantemente a multidão, pela estreita e única rua que possui, — na altura de alargar, se o aterro começar agora a ser feito do lado da ponte — aquela vasta mole de gente espalhou-se pela cidade, dando-lhe um ar de grande urbe.

Algumas notas desagradáveis se deram, por meio dum mulherido de língua mais suja que o chão duma alfurja, que aproveitava estes momentos para demonstrar o baixo nível da sua educação.

O desporto até neste pormenor faliu, quando se supunha que viria a ser um grande elemento educativo e um poderoso meio para uma melhor compreensão entre as gentes.

Os homens serviram-se dele para outros fins e desvirtuaram, assim, os seus belos objectivos...

"NOTÍCIAS" DO ENIGMISTA

ÓRGÃO DO "NÚCLEO ENIGMISTA VIMARANENSE"

ORIENTAÇÃO DE ODANAIR E NERU-LATINO



DICIONÁRIOS "SINÓNIMOS" DA T. E. JAIME BEQUIER A. MORENO E. PINHEIRO F. TORRINHA

ANO I CORRESPONDÊNCIA A A. F. COSTEIRA, Canelas — Guimarães N.º 30

TORNEIO FUNDAÇÃO 4.ª ETAPA

RESULTADOS DAS FRASES — DEUS... HOMENS

- 1 — Deus é a esperança radiosa na vida dos homens. IGNORANTE.
- 2 — Deus é a grandeza feita humildade para exemplo dos homens. LUSBEL.
- 3 — Deus é o eterno SIM, perante a negação absoluta dos homens. SR. REGEDOR — Porto.
- 4 — Deus é o tudo do nada que são os homens. MINDITA — Porto.
- 5 — Deus é a luz que ilumina os homens. SARCOL.
- 6 — Deus é um mundo no mundo dos homens. AN-BAR — Porto.
- 7 — Deus, presente em todas as coisas, é o grande esquecido dos homens. JODOGAS — Leiria.
- 8 — Deus é a paz; as guerras são pecados dos homens. EDDIFER — Marinha Grande.
- 9 — Deus é o principio Supremo que se impõe ao amor dos homens. ARGACI.
- 10 — Deus é a justiça e a razão a ensinar o bom caminho aos homens. ESTUDANTE.
- 11 — Deus é o juiz da consciência dos homens. JOÃO-NINGUÉM.
- 12 — Deus é o porto de Salvação de todos os homens. SIAV-N.
- 13 — Deus é o destino dos justos que saibam libertar-se dos vícios dos homens. TÓTÓ.
- 14 — Deus é o Supremo Juiz julgador dos homens. DIADEMA — Porto.
- 15 — Deus torna grande o mais humilde dos homens. CHIQUINHO — Coimbra.
- 16 — Deus nos corações, paz nos homens. JÓNIO.
- 17 — Deus é a Luz que guia os homens. TIRONS POBRE.
- 18 — Deus é a grandeza suprema a impor-se à mesquinhez dos homens. LÍDIA.
- 19 — Deus à sua imagem e semelhança fez os homens. A. MADURO.
- 20 — Deus manda, obedecem os homens. AMARILIS — Leiria.
- 21 — Deus procurou a união entre os homens. CORAÇÃO DE LEÃO.
- 22 — Ferrier; 23 — Nanquim; 24 — Tónio; 25 — 3. M. S.; 26 — Dino Avilis; 27 — A. L. C.; 28 — Joba; 29 — Adogmor, Calberto e Olias; 30 — Florosa; 31 — Elvânico; 32 — Eltino; 33 — Aileta; 34 — Tony-Mar; 35 — To-Max; 36 — Pescador; 37 — Vitor Hugo; 38 — Ivanhoe; 39 — Principiante; 40 — Bárto; 41 — Reguila Bolinhas, Zé-Luis; 42 — Azevedo; 43 — Antopa; 44 — Maria Serrana; 45 — Mário Gourel; 46 — Libamar; 47 — Mercúrio, Zero, Zé-Chamusca, Caldas, Marete e Saloio; 48 — Roubel-Marilen e Lúcio; 49 — Marisé; 50 — Rocas, Vilar, Mary Oldifer, Pinto (A. Santos) e Mis. Snak-Bar; 51 — Cicrano; 52 — Emília; 53 — Fulana; 54 — Constantino; 55 — Maria da Cidade; 56 — Vixis.

ÁRBITROS

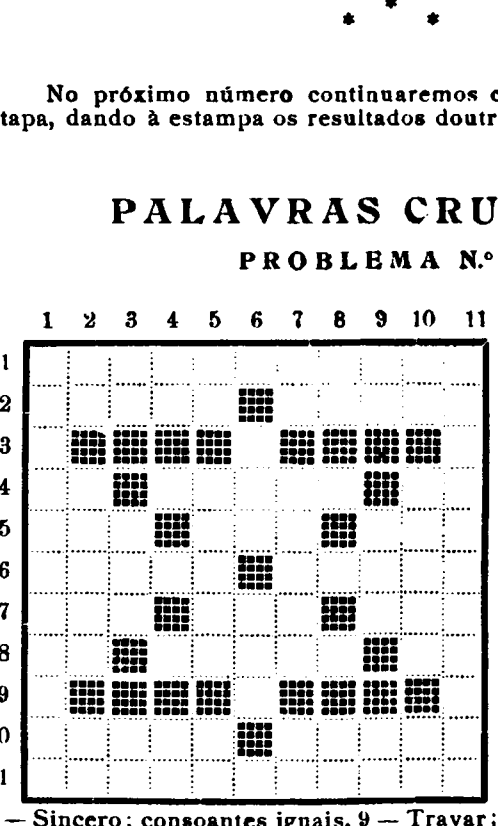
Tiveram a gentileza de arbitrar os trabalhos apresentados pelos concorrentes os nossos amigos Srs. Dr. Santos Simões, José F. N. Coutinho e Alcino Machado. Os orientadores da Secção deram também o seu voto, o que eleva para 5 o número de árbitros.

PALAVRAS CRUZADAS PROBLEMA N.º 30

No próximo número continuaremos com a classificação desta etapa, dando à estampa os resultados doutra frase.

Horizontais: 1 — Aman-te das artes. 2 — Fruto do Brasil; brisas. 4 — Pre-posição; ajunta; letra grega. 5 — Óxido de cálcio; a plebe; data. 6 — Apartai; derrotar. 7 — Grite; rumo; desce. 8 — Sobre; dedos; rela. 10 — Separe com taipa; metal terroso. 11 — Decorais.

Verticais: 1 — Morte. 2 — Avançar; molhela; aspecto. 3 — Alem; pron. pessoal; prefixo negação. 4 — Vogal (pl.); parte da enxada. 5 — Alto ail; de-saposa; entre. 6 — Deus (fig.); raiva. 7 — Entre nós; louvar; prefixo oposição. 8 — Sincero; consoantes iguais. 9 — Travar; et-coetera (abrv.); batra-quio. 10 — Porque; agarrar; dois (romano). 11 — Cargos de ostiários.



ARGACI — Guimarães.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Comendador Alberto Pimenta Machado — Faz anos no dia 21, este nosso prezado amigo e importante industrial vimaranense, que ás nossas instituições beneficentes tem prestado bem assinalados serviços, e que nesta cidade tem ocupado lugares de merecido destaque.

Figura de grande relevo na indústria nortenha, o sr. comendador Alberto Pimenta Machado conta muitas simpatias, não só nesta região, mas em todo o país. Cumprimentando-o na passagem do seu aniversário natalício, formulamos os melhores votos pela continuação da sua saúde e pelas suas crescentes prosperidades pessoais.

Cap. José Maria P. L. de Magalhães e Couto — Passa no próximo dia 23, o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, ilustre Presidente do Grémio da Lavoura, a quem apresentamos respetuosos cumprimentos, fazendo votos pela sua preciosa saúde.

Fazem anos:

No dia 17, o nosso prezado amigo sr. dr. Armando Teixeira de Pádua, digno Tesoureiro da Câmara Municipal; no dia 18, mademoiselle Maria Elvira Gonçalves, filha do nosso prezado amigo sr. Abílio Gonçalves, e a sr.ª D. Maria da Conceição Paço Vitorino e os nossos prezados amigos srs. Serafim José Pereira Rodrigues, Asdrubal J. Rodrigues Dias Pereira e José Rodrigues da Costa; no dia 19, as sr.ªs D. Maria Rosa de Castro, esposa do nosso prezado amigo sr. Adriano de Castro, do Pevidém, e D. Sílvia Soares Pereira Rodrigues, esposa do também nosso bom amigo sr. Vital Marques Rodrigues, e os também nossos bons amigos srs. Manuel António Branco, António Cardoso de Castro, do Pevidém, e António Moreira Sampaio; no dia 20, os nossos bons amigos srs. António José Marques da Silva e Castro e dr. Jorge da Costa Antunes, e mademoiselle Glória Fernandes Pereira; no dia 21, os nossos bons amigos srs. alferes Francisco Alvaro Martins de Campos Guise e Manuel Pereira Maia e a menina Cândida Ribeiro Machado, de Riba d'Ave; no dia 22, o menino Pequito Puga, filho do nosso bom amigo sr. Francisco Puga e de sua esposa; e a menina Maria Fernanda de Sousa, filha da sr.ª D. Augusta Maciel de Sousa e do sr. António Fernandes da Silva, a sr.ª D. Modesta Ribeiro de Araújo e os nossos prezados amigos srs. dr. Porfirio H. de Almeida Carneiro, residente na Figueira da Foz, Luis Mendes Lopes Cardoso, Domingos José da Silva Fernandes e Eduardo Lage Jordão; no dia 23, as sr.ªs D. Ludovina Ferreira Peixoto e dr.ª D. Maria Antónia Cardoso de Barros de Magalhães da Rocha Reis de Abreu Coutinho (Paço Vitorino) e o nosso simpático amigo sr. Fernando Jorge Monteiro Cardoso, residente no Porto com seus pais.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 20, completa sete lunhas primaveras, o menino Luis Mário, filho do nosso bom amigo sr. Luis Portocarrero Ferreira e de sua esposa a sr.ª D. Maria Margarida Simões de Sousa Meneses. Muitos parabéns.

— Faz anos amanhã, o nosso prezado amigo e solicitado correspondente em Guardizela, sr. Manuel Ribeiro, a quem felicitamos.

— Faz anos no dia 18, mademoiselle Maria Odete Marques Rodrigues Ribeiro Abreu, gentil filha do nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Adelino Ribeiro de Abreu e de sua esposa, do Pevidém.

— Faz anos em 9, e não como por lapso dissemos em 5, o menino José Leandro, filhinho do nosso prezado amigo sr. Manuel Paulino Ferreira Leite e de sua esposa.

— Ontem, 15, fez anos também, como noticiamos, o menino Manuel Alvaro, filho do mesmo estimado casal.

Muitos parabéns. — No dia 7, fez anos o estudante José Luís de Oliveira Coutinho, filho do nosso bom amigo sr. João de Oliveira Coutinho e de sua esposa. Os nossos parabéns.

Almirante Sousa Ventura

Esteve em Lisboa, onde, juntamente com o sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, apresentou cumprimentos ao Chefe de Estado, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Almirante António Garcia de Sousa Ventura.

Dr. Nuno Simões

Tem estado com sua esposa nas termas de Monfortinho, o nosso querido amigo e ilustre economista, sr. dr. Nuno Simões.

Dr. António Paúl

Regressou de Lisboa ao Porto, o nosso querido amigo e distinto cirurgião sr. dr. António Paúl.

Dr. Oliveira Braga

Esteve nesta cidade e dignou-se vir apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito nos penhora, o nosso prezado amigo e distinto causidico em Braga, sr. dr. António de Oliveira Braga.

Pedidos de casamento

O nosso amigo sr. Jaime José Fernandes, industrial desta cidade, e sua esposa sr.ª D. Maria de Jesus Fernandes, pediram na 4.ª-feira, em casamento, para seu filho, o também nosso prezado amigo sr. Hercúlo José Fernandes, viajante do Ultramar da importante firma Alberto Pimenta Machado & Filhos, desta cidade, a mão da gentil menina Maria de Freitas, distinta professora oficial, filha do sr. Domingos de Freitas, proprietário da Corredoura (S. Torcato), e de sua esposa a sr.ª D. Josefa de Freitas, devendo o auspicioso enlace realizar-se em princípios do próximo ano.

Desejamos aos noivos as maiores felicidades.

— Para o nosso prezado amigo sr. João Afonso Flores de Magalhães, filho da sr.ª D. Rosa da Purificação Flores de Magalhães e do sr. Paulino de Magalhães, já falecido, foi pedida em casamento, na sua Quinta Vila Amália, em Leca de Balio, a sr.ª D. Gundula Erika Schoepfen, filha da sr.ª D. Amália Schoepfen e do sr. Alfredo Schoepfen, industrial no Porto, realizando-se em breve o auspicioso enlace. O pedido foi feito pela mãe do noivo.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Partidas e chegadas

Esteve nesta cidade e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso bom amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, residente em Vila do Conde.

— Estiveram há dias nesta cidade, a sr.ª D. Maria das Dores Pinto Soares, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. José Maria de Campos Soares, de Fafe e sua tia a sr.ª D. Adélia Saldanha, que cumprimentámos.

— Partiu para Lisboa, com demora de alguns dias, o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

— Com sua esposa regressou das suas propriedades de Neapereira, o nosso prezado amigo sr. dr. João Rocha dos Santos.

— Com sua esposa regressou da sua Casa de Alvarinho, ao Porto, o nosso prezado amigo sr. Francisco Alberto Costa.

— Com sua esposa regressou de Lisboa, o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins.

— Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Maria Machado Vaz.

— Regressou, com sua esposa, da sua Casa de Carvalho d'Arca, à Foz do Douro, o nosso querido amigo sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

— Deu-nos o prazer da sua visita, o nosso ilustre Colaborador e amigo sr. A. L. de Carvalho.

— Regressou da França o nosso bom amigo sr. António de Freitas Oliveira Cosme.

— Esteve entre nós o nosso bom amigo sr. Júlio Augusto Magalhães Vasconcelos, de Felgueiras.

Doentes

Regressou a Lisboa, completamente restabelecido, depois de ter sido operado de urgência na Casa de Saude de Espinho, pelo ilustre cientista e cirurgião dr. Manuel Gomes de Almeida, o nosso distinto colaborador, escritor e antigo Cônsul, sr. dr. Joaquim Correia da Costa.

— Continua no Hospital de S. Marcos, experimentando algumas melhoras, o nosso bom amigo sr. Alberto da Silva Lopes.

— Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. P.ª António Salvador Ramos.

— Já se encontram restabelecidos os nossos bons amigos srs. Eduardo Lemos Mota e Salustiano Abreu Lopes.

— Tem passado incomodado o nosso bom amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

— Continuum doentes as sr.ªs D. Maria de Sousa Lima e D. Celeste Barreira Teixeira, esposa do nosso bom amigo sr. João Teixeira e os nossos bons amigos srs. Conselheiro Raúl Alves da Cunha, Alfredo Guimarães e Casimiro A. Soares.

— Esteve ligeiramente doente o nosso bom amigo sr. António Ribeiro Ferreira Caldas, de Sande.

Aos doentes desejamos o mais

A. A. CÁLEM & FILHO, LDA.

Comunica à INDÚSTRIA E AO COMÉRCIO DO NORTE, ter sido nomeada distribuidora exclusiva da guza produzida na instalação siderúrgica das MINAS DE VILA COVA, S. A. R. L., para os distritos de: AVEIRO, BRAGA, RRAGANÇA, CASTELO BRANCO, COIMBRA, GUARDA, PORTO, VIANA DO CASTELO, VILA REAL e VISEU confirmando desta maneira a comunicação oportunamente feita à Imprensa diária por MINEXPORTE, LDA.

Rua da Reboleira, 7 — PORTO 608 Telefones: 24867 - 24868 - 24869

breve e completo restabelecimento.

Falec. e Sufrágios

Dr. António Joaquim Fachada

Faleceu há dias, no Porto, inesperadamente e com 54 anos de idade, o conhecido e distinto Professor sr. Dr. António Joaquim Fachada, tendo causado verdadeira consternação a sua morte.

O extinto era cunhado do nosso ilustre Colaborador e prezado amigo sr. Domingos Abreu Ramos que, como toda a família, ficou mergulhado num profundo desgosto, pelo que lhe apresentamos muito sentidas condolências.

O funeral, que constituiu uma rara manifestação de pesar, efectuou-se para o Cemitério de Agramonte, nele se tendo incorporado inúmeras pessoas de todas as camadas sociais, numa afirmação do mais alto apreço pelas excepcionais qualidades do extinto, que foi um verdadeiro Homem de Bem.

Rev. Padre António Gomes de Freitas

Na residência paroquial de S. Cipriano de Taboado, de que era estimado pároco, e confortado com todos os sacramentos da S. M. Igreja, finou-se com 76 anos de idade, o rev. P.ª António Gomes de Freitas, tendo-se efectuado o funeral, que esteve muito concorrido, na 2.ª-feira passada, com officios fúnebres que registaram a assistência de muitos sacerdotes, para o cemitério paroquial de S. João das Caldas.

Maurício Augusto Águas Pinto

Fomos há dias surpreendidos pela noticia do falecimento, na Figueira da Foz, do nosso amigo sr. Mauricio Augusto Aguas Pinto, que foi uma figura de muito prestigio naquela Cidade, a que prestou relevantes serviços. Foi Provedor da Misericórdia, Vereador Municipal, e fundador de vários organismos, entre eles o Rotary Clube, que serviu devotadamente, tendo sido Governador do Distrito Rotário Português. Deixa algumas obras publicadas, destacando-se entre estas uma admirável palestra realizada em Guimarães em 1955 e que intitulou: *Os sinos*.

Sentindo profundamente a morte do excelente Amigo, apresentamos condolências a toda a Família dorida.

D. Maria Lopes Vieira Fernandes

Confortada com todos os sacramentos, faleceu na sua casa da Vinha de Portela, em Cerzedelo, a sr.ª D. Maria Lopes Vieira Fernandes, esposa do sr. Abílio Pereira Fernandes, estimado industrial.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se na 5.ª-feira de manhã.

Os nossos pésames à família dorida.

Pedro Pereira de Castro Brito Jr.

Faleceu há dias em Braga o sr. Pedro Pereira de Castro Brito Júnior, casado com a sr.ª D. Maria da Torre Costa e Brito, que contava apenas 34 anos e há poucos dias chegara de Lourenço Marques.

Era cunhado das esposas dos nossos bons amigos srs. Alberto Pimenta Machado Júnior, Dr. Augusto Alves do Rego, Ernesto Flores e Dr. José Alves Carneiro do Egipto, aos quais apresentamos,

Agradecimento

Pedro da Silva Freitas, não podendo agradecer pessoalmente a todos os seus amigos, que tiveram a bondade de o visitar no Sanatório D. Manuel II durante o tempo que ali esteve internado por motivo da sua operação, bem como às demais pessoas que por qualquer modo se interessaram pelo seu estado de saúde, a todos manifesta o seu sincero e profundo reconhecimento.

Guimarães, 11 de Novembro de 1958. 511

Teatro Jordão

APRESENTA

CLARK GABLE = YOONNE DE CARLO em **A ESCRAVA** Warnercolor

Quando a América aboliu a escravidão, um homem trouxe que amava sinceramente aquela a quem comprara. (Espectáculo para maiores de 17 anos)

TERÇA-FEIRA, 18 -- 9^h 21,30 HORAS

Peter Ustinov = Carla del Foggio e Abbe Lane em **NÓS OS HOMENS** Supercine Scope

A paixão selvagem de um homem impulsivo e violento para com uma mulher estranha e bellissima. (Espectáculo para maiores de 17 anos)

QUINTA-FEIRA, 20 -- 9^h 21,30 HORAS

Espectáculo a favor do Asilo de Santa Estefânia

Pedro Infante = Maria Félix em **TIZOC (Amor Indio)** Cinema Scope Eastmancolor

Um maravilhoso filme que o público jamais esquecerá. (Espectáculo para maiores de 17 anos)

SÁBADO, 22 -- 9^h 21,30 HORAS

James Stewart = Jeff Chandler e Debra Paget em **A Flecha Quebrada** Technicolor

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

IMPORTAÇÃO  EXPORTAÇÃO

FAUSTINO CARVALHAL

Rua da Rainha, 61-1.º D.º

End. Telegráfico **FIBRATEX** — **GUIMARÃES**

Importador e distribuidor exclusivo, em Portugal, das fibras artificiais LANITAL «S» e VITALAN.


FIOS DE: algodão, mistos, fioco, Lanital e Vitalan.

Aos Empreiteiros

VENDE-SE terreno com a área de cerca de 1 hectar, com ramadas, árvores de fruta e algumas construções em pedra, próprio para construção de um bairro, numa zona fabril de Guimarães, junto ou em talhões, e ainda uma sorte de mato e um lameiro próximos.

Recebe propostas: Dr. Fernando Ayres — Guimarães. 580

Notícias de Guimarães n.º 1403 -- 16-11-1958



COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

FEBRE AFTOSA

Tendo sido debelada a febre aftosa nesta região, já foram autorizadas as feiras de gado, embora sob a competente vigilância das autoridades sanitárias.

Vende-se

Prédio bem situado e de bom rendimento. Nesta redacção se informa. 622

Ros Industriais e Comerciantes

Já pensaste nos prejuizos sérios de vária ordem que resultam para o vosso Escritório da falta de escrituração, ou duma escrituração deficiente?

Contabilista sério e competente, que passou a exercer a profissão em regime livre e que se desloca a qualquer parte, pode ajudar-vos a resolver aquele e outros problemas affectos à Administração da vossa Empresa.

Esclarecimentos pelo telefone n.º 40194. 615

Guarda-Livros

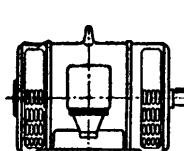
Longa prática e competência. Oferece-se. Resposta ao n.º 616.

Muita Atenção!

Ao passarmos no Toural, notámos que a Casa Jaime é a casa que maior sortido apresenta em Gabardines, de lã e algodão, casacos de borracha, Nylon e plásticos para homem, senhora e criança.

Variado sortido de Guarda-Chuvas, Malhas, Luvax e Perfumarias.

Ao passar pelo Toural, repare V. Ex.ª nas montras da Casa Jaime.



BOBINAGENS DE MOTORES ELÉCTRICOS

O chefe da 2.ª secção, int.º **Aires José de Carvalho.**

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 600

J. MONTENEGRO GUIMARÃES 588

DESPORTO

A homenagem de Francisco Costa

— Consagração de um Vitoriano



Francisco Costa

As Festas de Homenagem são hoje «pão fácil», que alguns Clubes, irresponsavelmente, servem a esmo, sem cuidar de saber se o atleta que a recebe granjeou o seu merecimento, com a prática das virtudes que podem justificar a posição de homenageado.

O fenómeno, como todos, tem seus efeitos: Um, o de ter criado, nos adeptos do futebol, um estado de indiferença por esses actos; outro — e este infinitamente pior — o de permitir, frequentemente, flagrantes injustiças, pois o público falta por vezes com a sua presença quando o não devia, por nem sempre saber separar, no meio de tanta abundância, o trigo do joio.

Ora, vai hoje homenagear-se, na Amorosa, um atleta do Vitória — Francisco Costa.

Os vitorianos e vimaranenses não desejam, certamente, cometer uma injustiça, e por isso se impõe uma análise em volta da figura desse desportista, tendente a revelar-nos o grau de merecimento do acto.

Honestidade profissional; dedicação clubista; valor técnico e atlético; valor moral e carácter íntegro, são, em nossa opinião, as virtudes que podem pedir-se a um atleta — os motivos que podem tornar válida e justa a ideia de uma homenagem.

Francisco Costa está há doze anos entre nós. Vividos nos campos de jogo, entre horas de vitória e de derrota, ou distribuídos pela sua vida privada, revelaram-nos esses anos da sua vida, um Homem e um Desportista. Homem que se impôs à consideração de todos nós, dando-nos a conhecer, em todas as vicissitudes, carácter forte, íntegro, irrepreensível. Desportista que reuniu em si, com brilho que nenhuma sombra diminuiu, todas as virtudes que se conhecem.

Não são poucos exemplos. Dispensa-se a citação de factos.

Toda a carreira de Francisco Costa é, para quem quiser ver, uma constante afirmação destas virtudes. Recordem-se esses doze anos que sempre, sempre, a mesma conclusão chegará até nós, despida da roupagem da dúvida: Este foi um desportista e um vitoriano. Na camisola do seu Clube, que elegeu como símbolo da sua carreira de desportista, verteu generosamente o seu esforço — o seu melhor esforço. Nunca se lhe conheceu um momento de desânimo — um instante de renúncia na dedicação que ofertou ao seu Vitória.

Isto são verdades — e verdades tão claras que a sua luz chega para deixar ver mesmo os piores cegos — aqueles que não queiram ver.

Francisco Costa merece, pois, que à sua homenagem seja dado o lugar a que tem jus. Não é justo que se confunda com o tal «pão fácil» que atrás serviu de exemplo.

Os seus doze anos de actividade deram-lhe um direito: Ver todos os vitorianos na Amorosa, afirmando com a sua presença o reconhecimento de seus méritos e virtudes.

A nós compete-nos respeitar esse direito, comparando. Além do mais, não devemos esquecer que se homenageia um dos nossos. Dos nossos, sim, porque Francisco Costa não é apenas um atleta do Vitória. Como qualquer bom vimaranense pelo coração, ele é, acima de tudo, um vitoriano.

FERNANDO RORIZ.

A Prova Maior do Futebol Nacional

Cuf, 1 — Vitória, 2

Se não nos tem aparecido o Sr. Guerra...

Este triunfo do Vitória, no Campo da Cuf, mais veio evidenciar ainda as razões impugnadas pelos vimaranenses contra a arbitragem do jogo em que enfrentaram os «leões». E' que o grupo da Cuf não é qualquer, dada a sua carreira na prova em curso, de tal modo brilhante, que não havia ainda perdido no seu terreno. Já lá tinham ido equipas de nomeada ou de renome habitual (caso do F. C. do Porto) e tinham regressado derrotadas.

Se não nos tem aparecido o sr. Guerra a forçar o resultado favorável ao Sporting, no jogo anterior da Amorosa, estaria o Vitória agora, possivelmente, isolado no 2.º lugar, a um só ponto do Benfica.

E' de anotar, portanto, a circunstância, principalmente porque o Vitória ainda não se convenceu devidamente da legalidade daquele resultado.

A repercussão, atingida na Imprensa, pela resolução tomada pelo referido sr. Guerra, em opiniões favoráveis ao Clube de Guimarães, dão-nos aquela força moral necessária para continuarmos a reclamar contra ele, com veemência.

Não queremos que o decorrer da prova, nas suas mais diversas nuances, abafe um assunto que merece análise cuidada de quem de direito.

Não podemos admitir que o jornal do Sporting, em basófia imponderada, queira fazer crer, aque-

les que não estiveram na Amorosa, que tudo foi brilhante para a equipa do seu Clube... e até legal. Afirmando-se que «uma equipa venceu onze jogadores», só pode entender-se como que a referência diga respeito à «equipa de arbitragem», pois em mérito de exibição, o que sempre andou ao de cima, foi a valia do conjunto do Vitória, mesmo no período da sua inferioridade numérica. E' por isso que o nível do nosso futebol se queda numa mediocridade sem repercussão, pois aqueles que se dizem ocupantes dos seus lugares cimeiros, não querem ver a verdade pura das realidades.

Porém o Vitória foi ao Campo de Santa Bárbara mostrar que era uma equipa estruturada, bem consciente da sua missão e, portanto, que era também bem justificada a sua carreira actual no torneio, que se e-pelha, com realce, na sua tabela classificativa.

Fiquem os senhores do jornal dos «leões» presos à sua posição de sectarismo medíocre, que nós argumentamos com o poder da opinião pública assistente ao jogo e com a imparcial crítica da maioria da Imprensa diária e desportiva.

No jogo com a Cuf, a equipa de Guimarães exibiu-se, durante toda a 1.ª parte, dentro do seu mérito actual — ligação firme entre os seus diversos sectores, valia individual dos seus componentes e mérito na sua conduta disciplinar.

Depois caiu na defesa dum resultado que era aquele que lhe convinha. Aguentou o choque em força da Cuf, devidamente organizada na sua defesa, para no último quarto de hora novamente repetir jogadas de mérito igual às de toda a primeira parte.

Mas mais que nós, di-lo «O Primeiro de Janeiro», por insuspeito, no seu comentário de terça-feira passada, que é do teor seguinte:

«Esta nova vitória dos vimaranenses, longe da sua terra, vem realmente pôr em evidência o actual e inegável valor da equipa minhota, que joga um futebol alegre, pensado, de fina estrutura, incisivo e poderoso.

E' preciso, de facto, ter categoria para vencer a CUF, no campo de Santa Bárbara, porque o grupo barreirense é uma turma que também sabe jogar a bola e age com tenacidade e firmeza.

Os minhotos não se amedrontaram. Obtiveram dois golos, um no primeiro minuto de jogo e outro aos 13 minutos e, embora tivessem sofrido um tento no último minuto da primeira parte, conseguiram segurar a vantagem de um golo até ao final do encontro, defendendo-se ordenadamente e com cabeça, do assalto feito pela CUF à sua baliza durante quase toda a segunda parte. O Vitória de Guimarães venceu merecidamente. Foi a equipa que melhor futebol exibiu no relvado de Santa Bárbara.

A CUF pode queixar-se de falta de sorte em um ou dois lances, mas os vimaranenses também tiveram outras tantas perdas por precipitação, em frente da baliza.

Triunfo certo da turma que revelou mais consciência e mais personalidade.»

Jogo no Campo de Santa Bárbara, no Barreiro, dirigido por Eduardo Gouveia, de Lisboa, tendo o Vitória alinhado com Sebastião, Virgílio e Daniel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Ernesto, Romen e Rola; e a Cuf com Gama, J. Luis e Albalado; Oliveira, Palma e Durand; Rodrigues, C. Alberto, Arsénio, Orlando e Uriá.

Ernesto e Edmur marcaram os golos do Vitória, e Arsénio o da Cuf.

Hoje não se disputam jogos da Prova Maior do Futebol Nacional, interrompida por o encontro internacional Portugal-Africa do Sul. Na Amorosa, em Festa de

Homenagem a Francisco Costa, defrontam-se o Vitória e o Sporting de Braga, dentro duma compreensão e colaboração digna de realce. Deve vir a ser uma jornada de amizade, guiada pelo plano mútuo de contribuírem para a valorização do futebol regional. E que o Costa, velho e dedicado atleta do Vitória, recolha dela tudo aquilo que bem merece, pela sua vida dada honestamente ao Desporto e ao seu querido Vitória.

L. R.

Diversos...

...a Diversos

A repercussão de falência, atingida pela arbitragem do sr. Francisco Guerra, no jogo Vitória-Sporting, merece que não deixemos cair já no esquecimento o facto, pois ele pode servir de ponto de partida para o saneamento dum sector do futebol, da mais alta importância, dado que, conjuntamente e por outras razões análogas, muita mais gente clama contra irregularidades parecidas.

A nós aparenta-se que está a passar-se um fenómeno, cuja a origem é dada pela esperança que existe na dignificação da causa, por acção eficiente da nova Comissão Central de Arbitros. Porém, os juizes de Campo são os mesmos, habituados à intangibilidade ou ainda, por artes do diabo, a atingirem reputações que a sua real capacidade nega com evidência.

Mas deixemos as nossas considerações pessoais e entremos no que se disse a propósito da arbitragem do sr. Guerra em vários órgãos da Imprensa.

Anotemos antes do mais o magnífico Comentário, publicado em «O Comércio do Porto», sobre a exposição do Vitória, queixando-se da referida arbitragem.

Ei-lo:

«O Vitória de Guimarães apresentou a sua reclamação à entidade competente quanto ao trabalho do árbitro do seu jogo com o Sporting. E' sabido o que se passou e como dos três tentos do vencedor o primeiro nasceu de erro flagrante do juiz de campo, daqueles erros que nada justifica, capazes de provocarem estranheza natural quanto à isenção e imparcialidade que a estes elementos pertence observar.

Compreensível que o grupo lisboeta não tem a menor responsabilidade no facto; por si, jogou para ganhar e se viu assim facilitada essa tarefa — um golpe inicial que suavizou o resto da partida — isso não ofusca o seu triunfo. Simplesmente, o pormenor contribuiu para colocar os vimaranenses em situação difícil, naturalmente batidos pela atitude estranha do director da partida.

Nós sabemos como estes protestos costumam ser recebidos e qual a solução que lhes é dada. Não temos ilusões de que, desta vez, seja diferente, muito embora haja motivo para isso. Mesmo assim é conveniente que a entidade prejudicada faça ouvir a sua voz, chamando a atenção dos responsáveis, mais uma vez, para o velho problema pendente, pois de modo geral, os culpados de muitos dos casos feitos do futebol passam incólumes, sem que lhes sejam pedidas contas dos seus actos, o que acaba por convencê-los da sua intangibilidade, dando-lhes ânimo para continuarem a errar.

Conquanto tenhamos na merecida conta a classe, pois há árbitros que sabem que têm domínio próprio e cuidam de evitar precipitações, absolutamente entregues ao seu trabalho, no desejo de o cumprirem devidamente, colocando os interesses gerais no mesmo plano de igualdade, para um julgamento correcto, outros não possuem as mesmas virtudes e, por um conjunto de circunstâncias especiais, não conseguem agir de

modo a concitarem aplauso. E como a sua individualidade pesa ou, melhor, pode pesar sobremaneira no andamento e na finalidade do jogo, daí a necessidade de velar porque os árbitros estejam à altura da sua missão, evitando-se que os clubes sejam prejudicados como foi, agora, o Vitória de Guimarães e pode ser, amanhã, qualquer outro...»

UM DE NÓS.
(Continua no próximo número)

Notícias de Guimarães n.º 1403 — 16-11-1958

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo presente se torna público que pela 1.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Guimarães, correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação dos anúncios, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos do art.º 865.º do Código do Processo Civil, nos autos de Acção Sumária em execução de sentença que o Banco Nacional Ultramarino, S. A. R. L., com sede em Lisboa e Agência nesta cidade, move contra António de Oliveira e esposa Rosa da Costa, ele comerciante e ela doméstica, moradores na Avenida de S. Jorge, da vila e comarca de Fafe.

Guimarães, 13 de Novembro de 1958.

O Juiz de Direito,

Artur Lourenço.

O Chefe da Secção, 620

João Ferreira Peixoto.

Notícias de Guimarães n.º 1403 — 16-11-1958

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito da comarca de Guimarães — Primeiro juízo e segunda secção, nos autos de execução sumária que António de Sousa Leite, casado, proprietário, da freguesia de Meinedo, concelho de Lousada, move contra Adriano Ferreira, casado, sócio da firma «Adriano Ferreira & Companhia, Limitada», com sede nesta cidade, correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o prazo de éditos, virem deduzir os seus direitos na dita execução, indicando a natureza, montante e origem dos seus créditos e oferecendo logo as provas.

Guimarães, 5 de Novembro de 1958.

O chefe da 2.ª Secção

de Processos,

Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Carlos Maria Afonso de Castro. 621

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto

677



Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & F.ª, Lda

Rua D. Manuel II, 56 — PORTO

Ofertas e Procuras

Vendedores para África Preci- sam-se para as Províncias de Angola e Moçambique, de elementos com reconhecida competência e com idade de 25 a 35 anos. Escrever ao n.º 525. Guarda sigilo estando empregado. 525

Explicações Inglês — 2.º e 3.º ciclos; Matemática — 1.º, 2.º e 3.º ciclos. Informa: R. S. Dâmaso, 51. 550

Viajante Admite-se para Fábrica de Calçado. Carta à Redacção. 560

Aos estudantes Recebem-se dois estudantes, em casa séria Aceitam-se alunos para admissão aos liceus. Pedir informações na Sociedade de Azeites Moura, Ltd.ª — Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 520

Ensino Literário e Técnico Senhora licenciada, tendo sido professora da Escola Técnica, dá explicações e habilita para exame em Português, História e Francês, alunos de qualquer ano do Liceu e de qualquer curso da Escola Técnica. Tel. 40450. 564

Alugam-se No centro da cidade, 3 salas para escritórios, situadas na Rua de Santo António, n.º 15 — Guimarães. Preços módicos. 583

Aluga-se Optima moradia, independente, acabada de construir no Largo da Cruz de Pedra. Falar na Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L.ª. 607

Vende-se Prédio de rendimento, de construção moderna, já todo alugado, situado em zona central da cidade de Guimarães. Rendimento garantido de 8 1/2%. Tratar com o próprio na Rua de Infantaria n.º 8, n.º 231 — Braga. Telef. 3641. 608

Vendem-se 5 caneleiras usadas, em bom estado de funcionamento. Falar na Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. 617

Empregada Precisa-se para escritório, à prática. HABILITAÇÕES, ordenado e fiador. informa a redacção. 618

Motor eléctrico («Asea»), 5 Kw, 2 linhas de eixo em rolamento e diversos maquinismos de pentes, vendem-se. Informa Campo S. Mamede, 36. 619

Notícias de Guimarães n.º 1403 — 16-11-1958

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

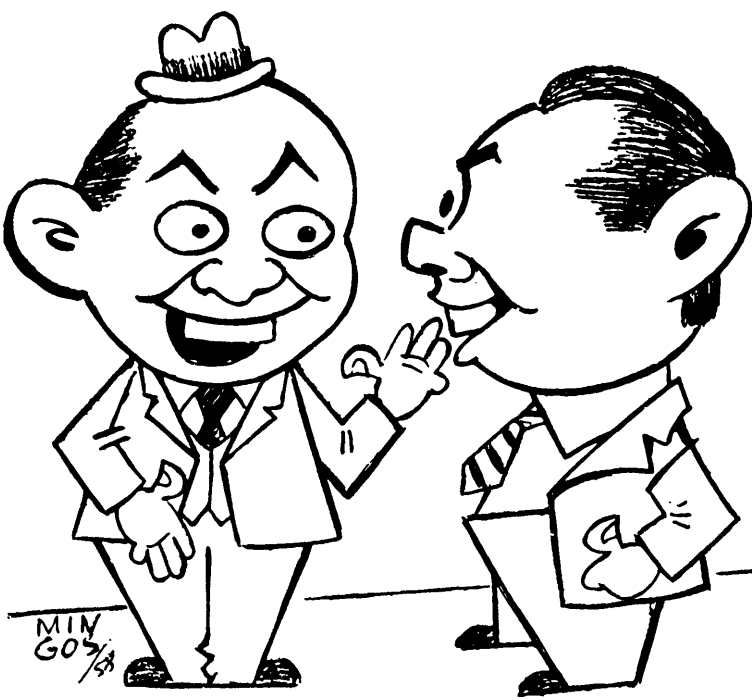
Por este se anuncia que no dia 22 do corrente mês de Novembro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública e em 2.ª praça, por metade do valor que lhes foi atribuído, de diversos móveis penhorados na execução de sentença que Eduardo da Silva, casado, industrial, da freguesia de Fermentões, move contra Eduardo Mendes Xavier e esposa Dona Maria Carolina Peixoto, ele padeiro e ela doméstica, residentes na rua da Liberdade, desta cidade, constituídos por cilindro, babançã, masseiras, estufa, maçarico, pás, mesas, cofre, caixa, aparadores e vinho, de que são depositários Fernando Leite Pereira, casado, proprietário, da rua da Liberdade, n.º 5, e João Pereira de Lima, solteiro, maior, da rua D. João I, ambos desta cidade. Guimarães, 10 de Novembro de 1958.

Pelo Chefe da 2.ª Secção,
Aires José de Carvalho.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 614

José António de Castro Pereira Lopes Cardoso.



— Que me dizes do Vitória-Cuf?...
— Digo-te que a Cuf é bastante «activada» na PANCADA!